

Algumas novidades em *Laelia*

Francisco E. Miranda (*)

CONTINUANDO A SEGUIR NOSSA FILOSOFIA de que os estudos botânicos devem ser acessíveis também aos cultivadores em geral, seguem transcrições parciais de algumas novidades e uma mudança nomenclatural no gênero. As observações são as mesmas das descrições originais, e outros aspectos botânicos, que, aqui, se tornariam cansativos, podem ser encontrados no trabalho original.

Laelia fournieri (Cogn.) Miranda
comb. nov.

MIRANDA, in *Bradea* 6(18):156. 12
jan 1993.

Basiônimo: *Laelia longipes* Reichb.
f. var. *fournieri* Cogn. in A. Cogniaux et A.
Goossens *Diet. Icon. des Orchidées*, t.147,
déc. 1896; *Chron. Orchid.* 1:27. 1897.

Sinonímia: *Laelia ostermayeri*
Hoehe var. *fournieri* (Cogn.) Hoehe, *Arch.
Bot. Est. S. Paulo*, n. ser. 1(1):19. 1938.

Etimologia: Homenagem a M. Fournier,
cultivador que forneceu o material para a
execução da prancha, a cores, da variedade.

Cogniaux cita 2 materiais coletados por St.-Hilaire por ocasião da descrição na Flora Brasiliensis, e tivemos a oportunidade de examiná-los por cortesia do Dr. Jean-Claude Jolinon, de Paris. Entre estes, St.-Hilaire ser. B1 n 2039 ter., foi escolhido como Tipo por melhor caracterizar a espécie e mencionar local preciso de coleta. Optamos por manter o epíteto como justo tributo a Cogniaux, um dos grandes especialistas em orquídeas brasileiras, e assim também homenagear a M.

Fournier, cultivador que forneceu o material por ocasião da publicação da variedade. Este é mais um daqueles casos em que um conceito está tão arraigado que é seguido sem uma mais atenta observação. Desde a estampa publicada por Cogniaux e Goossens na *Iconographie des Orchidées* pode-se perceber



que há algo errado em se considerar a var. *fournieri* como apenas uma variedade de *Laelia longipes* Reichb. f. Àquela época, porém, não se tinha idéia da quantidade de espécies das chamadas "laelias rupícolas", e, assim, está explicado elemento tão discordante. Atualmente, entretanto, isso não é mais possível. *Laelia fournieri* tem em semelhança com *L. longipes* apenas o padrão de quilhas no labelo. As diferenças, entretanto, são substanciais. Para começar, as hastes florais são mais longas (às vezes muito mais) e delicadas em *Laelia fournieri*, e chegam a produzir número muito maior de flores (até 8 em uma haste já foram observadas). As flores também são até metade menores em *Laelia fournieri* com relação às de *L. longipes*. A coloração base em *Laelia*

fournieri e sempre alva e quase sempre com tênues matizes purpúreos mais intensos para as bases e ápices dos segmentos, na superfície externa. Isso também refuta definitivamente o conceito de que *Laelia fournieri* é uma variedade (forma) *alba* de *L. longipes*. No labelo não há, como em *Laelia longipes*, o revestimento de células cônicas, antes a epiderme é composta por células globosas (o assunto será um pouco melhor abordado na revisão das *Laelia* brasileiras, em andamento). A observação de ambas as espécies nos habitats por muitos anos confirma esse conceito. Se é verdade que as 2 espécies ocorrem juntas em alguns locais, em outros, como a serra do Gongo-Sôco, apenas *Laelia fournieri* pode ser encontrada, e em milhares de exemplares. Com tamanha discrepância de dimensões, forma de segmentos e coloração, não há a mínima chance de se continuar a considerar as 2 espécies como uma só. Por suas flores com coloração básica alva, *Laelia fournieri* está bastante isolada dentro da seção. Apesar disso, as tonalidades róseas a purpúreas a colocam junto com as espécies que apresentam essa coloração. O fato de ter labelo amarelo, assim como as dimensões das flores, aproxima um pouco *Laelia fournieri* de *L. reginae* Pabst, que entretanto apresenta inflorescências muito mais curtas e com menos flores. Finalmente, a forma dos segmentos separa claramente essas 2 espécies. A época de floração se concentra em janeiro-maio, iniciando no final da de *Laelia longipes*, porém é mais longa e pouco precisa e assim durante quase todo o ano podem ser encontrados exemplares floridos.

Laelia verboonensis Miranda sp. nov.

MIRANDA, in Bradea 6(18):157. 12 jan 1993.

Rupícola entre as menores da seção. Raízes fasciculadas, delicadas, com até 2 mm de diâmetro. Pseudobulbos formados por 2-3 entrenós, cilíndricos, elípticos atenuados progressivamente para a base e para o ápice

até quase redondos dependendo da exposição à luz, apresentando seção circular, verde-claros até às vezes pigmentados em purpúreo, com até 3 cm de comprimento e 1 cm de largura na porção média, revestidos por bainhas fortemente apressas que secam e se desfazem ao término de seu desenvolvimento. Folhas linear-lanceoladas, medianamente coriáceas, lisas, fortemente acanoadas, eretas, verde-claras a verde-médias com face exterior totalmente verde a variavelmente pigmentada em purpúreo, com até 4 cm de comprimento e 1 cm de largura. Espatas florais bem desenvolvidas, tenuemente coriáceas e fortemente achatadas, linear-lanceoladas, tenuemente ventricosas, com até 1,8 cm de comprimento e 4 mm de largura. Inflorescências com flores abrindo em curta sucessão, até 6-8 flores, verde-claras às vezes com matizes purpúreos, eretas, com ráquis de até 8 cm de comprimento e 2 mm de diâmetro. Brácteas florais apressas aos pedicelos, triangulares, com até 3 mm de comprimento. Pedicelos cilíndricos, verdes às vezes com matizes purpúreos, um pouco mais escuros na porção do ovário, com até 3 cm de comprimento e 1,5 mm de diâmetro na porção incluindo o ovário. Sépalas amarelo-escuros com matizes avermelhados na base e ápice dos segmentos pela face externa, lanceoladas, ereto-patentes, ligeiramente a bastante reflexas, inicialmente formando triângulo equilátero mas as laterais falcadas, com até 1,4 cm de comprimento na dorsal, 1,2 cm de comprimento nas laterais e 5 mm de largura. Pétalas com a mesma coloração, lanceoladas, ligeiramente a bastante reflexas, com até 1,4 cm de comprimento e 4,5 mm de largura. Labelo subcircular em posição distendida, pronunciadamente trilobado com lobos laterais subelípticos falcados e lobo frontal sub-elíptico a subcircular profundamente inciso e pouco se estendendo à frente dos lobos laterais, em posição natural formando tubo arcado para baixo e para trás que envolve de modo completo a coluna e a ocultando em vista frontal, abrindo-se frontalmente de forma subelíptica com suas margens pouco onduladas, lobos laterais decurrentes e pouco distendidos e lobo frontal

pouco reflexo a quase plano, em seu interior com 4 quilhas baixas, carnosas, verrucosas e paralelas que se originam na base do labelo e que se estendem até a porção média do lobo frontal, as 2 internas se prolongando quase que imperceptivelmente um pouco mais à frente, apresentando células cônico-globosas rígidas um pouco mais altas em ampla área ao redor da junção do lobo frontal e progressivamente mais baixas para os bordos, com até 1 cm de comprimento e 1 cm de largura; a coloração é amarela no mesmo tom do que o das sépalas e pétalas com alguma pigmentação vermelha no interior do tubo. Coluna verde-amarelada, subcilíndrica mais



Francisco Miranda

larga na base e progressivamente estreitando para o ápice, gibosa, falcada, subtriangular em seção, com face inferior achatada fortemente depressa em cavidade delimitada com as alas laterais e 2 prolongamentos laterais do rostelo envolvendo as laterais da antera até a metade, com até 6 mm de comprimento, 2 mm de largura na base e 1,2 mm de largura no ápice; antera com 4 cavidades, amarelada, com 8 políneas amarelas, 4 maiores e 4 um pouco menores; cavidade estigmática subtriangular, separada da antera por rostelo espessado em membrana saliente e flexível, com 1,4 mm de comprimento e 1,2 mm de largura. Fruto não observado.

Etimologia: Homenagem a Maurício Verboonen, do tradicional Orquidário Binot

de Petrópolis, Rio de Janeiro, responsável pela introdução da espécie em cultivo.

Há muitos anos esta pequena espécie está em cultivo, chamada, erroneamente ora de *Laelia esalqueana* Blum. ex Pabst ora de *L. itambana* Pabst. Estas 2 outras espécies são bastante diversas, mas o fato de não serem bem conhecidas, principalmente para os cultivadores, explica bem a confusão. Por muito tempo temos relatado em descrever esta espécie pelo fato de não ser precisado seu habitat, mas com a necessidade de incluí-la na revisão das espécies brasileiras do gênero, ora em fase final, isso tem de ser feito. Milhares de exemplares já foram vistos, de modo que não há sombra de dúvida sobre o fato de ser boa espécie. A possível origem da espécie é a região de Diamantina (comunicação pessoal, Orquidário Binot), mas numerosas excursões por longo período não renderam confirmação neste aspecto. De qualquer modo, certamente um dia será encontrada no habitat, como tem acontecido anteriormente com numerosas outras espécies. *Laelia verboonenii* é a menor das espécies com flores amarelas na seção Parviflorae, tanto vegetativamente quanto em termos florais. As plantas apresentam folhas mais pontiagudas e eretas do que nas espécies próximas (*Laelia bradei* Pabst, *L. esalqueana*, *L. itambana*) e são frequentemente pigmentadas em púrpura. As inflorescências produzem mais flores do que nas citadas, tendo sido observadas hastes, apesar de pouco mais altas do que as folhas, com até 8 flores agrupadas na metade apical. As pequenas flores são amarelo-escuras frequentemente com pigmentação avermelhada nas superfícies exteriores dos segmentos, e nesse aspecto se assemelham a *Laelia itambana*. Ainda em comum com esta está a disposição dos segmentos, bastante reflexos. Entretanto, característica que separa *Laelia verboonenii* de todas as espécies próximas é o labelo, com suas 4 quilhas bem desenvolvidas e nítidas desde a base até a porção média do lobo frontal. Nas espécies próximas citadas acima, as quilhas desenvolvidas são sempre 2 de cada vez, e a uma observação menos cuidadosa aparentam ser

mesmo só 2. O labelo proporcionalmente pequeno com lobo frontal bem distendido é também típico nesta nova espécie. *Laelia verbooneni* é espécie ornamental com sua grande quantidade de flores, e sua época de floração é no verão.

Laelia x mucugense Miranda hyb. nat.
nov.

MIRANDA, in Bradea 6(18):159. 12
jan 1993.

Rupícola medianamente robusta na seção. Raízes fasciculadas, com até 2,2 mm de diâmetro. Pseudobulbos formados por 3-5 entrenós, cilíndricos, atenuados progressivamente para o ápice, apresentando seção circular a até tenuemente achatados lateralmente, verde-médios frequentemente com matizes purpúreos mais intensos para o ápice até quase que totalmente assim pigmentados, com até 12 cm de comprimento e 2,2 cm de largura na base, revestidos por bainhas fortemente apressas que secam e se desfazem ao término de seu desenvolvimento. Folhas linear-lanceoladas, fortemente coriáceas, transversalmente rugosas, aplanadas e variavelmente reflexas, verde-médias a verde-escuras mais ou menos fortemente pigmentadas em purpúreo principalmente na face inferior e bordos, com até 15 cm de comprimento e 3,2 cm de largura. Espatas florais bem desenvolvidas, coriáceas e fortemente achatadas, linear-oblancheoladas, tenuemente ventricosas, com até 8 cm de comprimento e 6 mm de largura. Inflorescências com flores abrindo em sucessão, até 6-8 flores, eretas, com ráquis de até 65 cm de comprimento e 4 mm de diâmetro. Brácteas florais apressas aos pedicelos, triangulares, com até 6 mm de comprimento. Pedicelos cilíndricos, verdes mais escuros na porção do ovário, com até 3,5 cm de comprimento e 2,2 mm de diâmetro na porção incluindo o ovário. Sépalas róseo-alvacentas, róseo-amareladas, róseo-alaranjadas, salmão até róseo-purpúreas, linear-

lanceoladas, creto-patentes, planas a bastante reflexas, formando triângulo equilátero com as laterais tenuemente falcadas, com até 2 cm de comprimento e 5 mm de largura na dorsal e 5,5 mm de largura nas laterais. Pétalas com a mesma coloração, linear-lanceoladas mais longamente atenuadas para as bases, ligeiramente falcadas, planas a ligeiramente reflexas, com até 2,2 cm de comprimento e 5 cm de largura. Labelo subelíptico em posição distendida, pronunciadamente trilobado com lobos laterais subelípticos falcados mais curtos do que o frontal e lobo frontal subelíptico a subcircular profundamente inciso, em posição natural formando tubo arcado para baixo e para trás que envolve de modo completo a coluna e a ocultando em vista frontal, abrindo-se frontalmente de forma subelíptica com suas margens onduladas, lobos laterais decurrentes e pouco distendidos e lobo frontal com ápice um tanto reflexo, em seu interior com 4 quilhas baixas, carnosas, verrucosas e paralelas que se originam na base do labelo e se tornam progressivamente mais altas e bem nítidas à partir da metade da distância até a junção do lobo frontal, as 2 externas mais curtas se estendendo pouco à frente da incisão, as 2 internas se estendendo até o meio ou pouco mais do lobo frontal, apresentando células globosas a tenuemente cônicas por toda a superfície interna, um pouco mais altas ao redor da incisão do lobo frontal, com até 1,8 cm de comprimento e 1,2 cm de largura; a coloração no interior do tubo e disco é alva, alvo-amarelada a rosada, nos bordos do lobo frontal rosada a avermelhada e amarelada, alaranjada a rosada nos lobos laterais apresentando estes ainda venulações rosadas a avermelhadas, dependendo do indivíduo. Coluna verde-alvacentas, sub-cilíndrica, gibosa no ápice, tenuemente falcada, subtriangular em seção, com face inferior achatada depressa em cavidade delimitada com as alas laterais e 2 prolongamentos laterais do rostelo envolvendo as laterais da antera até a metade, com até 8 mm de comprimento e 2,8 mm de largura; antera com 4 cavidades, alva, com políneas amarelas, 4 maiores e 4 um pouco menores; cavidade estigmática subtriangular,

separada da antera por rostelo espessado em membrana saliente e flexível, com 1,7 mm de comprimento e 1,8 mm de largura.

Etimologia: Nome homenageando uma das pequenas cidades na área de distribuição das 2 espécies envolvidas e de seu híbrido natural.



Este híbrido natural parece ter sido encontrado em grande quantidade no habitat natural, e está em cultivo há mais de 12 anos. A primeira vez que observamos essas plantas foi em 1982, num grande lote florido de *Laelia pfisteri* Pabst & Senghas e *L. bahiensis* Schltr. Estas plantas estavam em cultivo no Orquidário Binot, de Petrópolis, e foram recebidas do Estado da Bahia, presumivelmente de uma região acima de Mucugê, limite norte da serra do Sincorá. O que chamou a atenção nesse lote foi que a maior parte das plantas não apresentava as flores alaranjadas típicas para *Laelia bahiensis* ou purpúreas, típicas para *L. pfisteri*. Ao invés, a coloração das flores era variável entre esses

extremos, indo de creme-alvacenta até róseo-purpúrea, passando por tons róseo-amarelados, salmão e róseo-alaranjados. Desde então a idéia de que se tratava de uma população híbrida passou a tomar corpo, mas achamos melhor primeiro ter a chance de visitar a região e tentar encontrar plantas, de modo a ter certeza de que não eram apenas resultado de variação populacional. Após este primeiro contato, essas plantas passaram a aparecer em cultivo periodicamente. Felizmente, em 1988, finalmente encontramos uma certa quantidade de plantas apresentando a mesma variabilidade de coloração e desta forma bem caracterizando uma hibridação natural aparentemente muito comum. De fato, como as 2 espécies em questão florescem na mesma época e não estão isoladas fisicamente, é de se esperar que sejam encontrados frequentes casos de hibridação natural. Além da coloração, as dimensões e formas dos segmentos florais são intermediários entre os pais, e, da mesma forma que quanto à coloração, variam entre os extremos.

© Av. Edison Passos, 4490, 20531-072,
Alto da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ.